

FAÇA O QUE EU FALO, NÃO O QUE EU FAÇO: TEORIA E PRÁTICA DO HUMOR NA RETÓRICA ROMANA¹

Charlene Martins Miotti

Universidade Federal de Juiz de Fora

charlene.miotti@uff.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4288-0398>

RESUMO

Este artigo seleciona e discute cinco recomendações feitas por Quintiliano (*Inst. 6.3*) quanto ao uso do humor em contexto forense, comparando-as com os casos narrados como exemplares tanto pelo próprio Quintiliano como por Cícero (*De Or. 2.216-290*), por volta de 140 anos antes. Investigam-se possíveis discrepâncias entre a teoria e a prática relatada pelos rétores, bem como a permanência (ou não) de certos valores na recepção de discursos contemporâneos. Com isso, pretende-se avaliar em que medida nossa sensibilidade moderna confirma ou desafia a tese segundo a qual piadas constituem um tipo de texto perfeitamente transcultural.

Palavras-chave: Humor; Retórica; Cícero; Quintiliano; performance

ABSTRACT

This paper selects and discusses five recommendations made by Quintilian (*Inst. 6.3*) regarding the use of humor in a forensic context, comparing them with cases narrated as exemplary by both Quintilian himself and Cicero (*De or. 2.216-290*), around 140 years earlier. Possible

¹ Após a defesa de nossa tese de doutorado (MIOTTI, 2010), versões deste trabalho, com diferentes abordagens, foram apresentadas oralmente na IV Jornada de Estudos Clássicos da Universidade Federal do Espírito Santo (2013), com o título “Quem ri por último ri melhor: dez piadas que o orador romano deveria evitar” e nas Jornadas de Retórica e Argumentação da Universidade Federal de Minas Gerais (2018), com o título “Ca(u)sos da oratória romana: humor e persuasão em Cícero e Quintiliano”. Agradecemos a William Dominik pelas importantes contribuições a este texto; à parecerista anônima que, generosamente, não apenas aceitou revisar a proposta inicial, mas trouxe valiosas sugestões à sua versão final; a Paulo Sérgio de Vasconcellos e Marcos Aurelio Pereira pela cuidadosa editoria da *PhaoS*; e, por fim, a Matheus Trevizam não só pela fecunda colaboração de longa data, mas, particularmente, pela observação que deu origem a este artigo, feita na ocasião de uma das Jornadas de Retórica e Argumentação, sobre a curiosa discrepância entre os conselhos dados pelos rétores latinos quanto ao *decorum* no uso do humor e os exemplos por eles próprios elencados.

discrepancies between the theory and practice reported by the rhetors are investigated, as well as the permanence (or not) of certain values in the reception of contemporary discourses. The aim is to assess the extent to which our modern sensibility confirms or challenges the thesis according to which jokes are a perfectly transcultural type of text.

Keywords: Humor; Rhetoric; Cicero; Quintilian; performance

INTRODUÇÃO: ANTECEDENTES DA DISCUSSÃO SOBRE OS LIMITES DO HUMOR

Os críticos que se dedicam-se ao estudo da retórica latina² ainda não examinaram como a teoria acerca do uso do humor forense relaciona-se com a prática efetivamente reportada pelos rétores³. É bem conhecida a passagem da *Poética* (1449a) em que Aristóteles, interessado na caracterização do gênero cômico, enuncia que “O ridículo é **apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente** [indolor e não destrutiva]; (...) bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor”⁴. Em sua *Ética a Nicômaco* (1128a, 4.8), o filósofo dá início a uma longeva discussão sobre a medida que convém no uso do humor, ao indicar que “os comediantes que fazem palhaçadas ultrapassando o limite do ridículo parecem ser ordinários, esforçando-se a todo o custo por fazer soltar uma gargalhada, tendo mais em vista o fazer rir do que o falar com decoro ou evitar fazer sofrer quem é objeto do seu escárnio”⁵. Aristóteles desenvolve o tema da comicidade

² Ainda que, de modo geral, o *decorum* no âmbito do humor forense tenha sido objeto de interesse recente: Waisanen, 2015; Kish, 2021; Loporcaro, 2022 *et al.*

³ Assentimos ao que observa a parecerista: “Talvez por pertencer aos chamados ‘gêneros baixos’ na teoria dos gêneros da Antiguidade, algo que pode ter sido interpretado como inferioridade do tema e do autor, o fato é que aquilo que diz respeito à comicidade, a que chamamos humor, não costuma receber de teóricos e de estudiosos a mesma atenção dispensada aos gêneros elevados. Já Platão dedicou ao tema apenas alguns parágrafos, negativos, e Aristóteles não cumpriu sua promessa de tratar do riso ‘em outra parte’, limitando-se a definir a comédia (*Poética* 1449 a 32) de forma bem mais sucinta do que o fizera com respeito à tragédia. A desconfiança para com o riso, magistralmente expressa em *O Nome da Rosa*, ocorre ainda hoje. São raras as incursões de pensadores e acadêmicos pelo universo cômico, com as sempre citadas exceções de Kant, Bergson e Freud”.

⁴ τὸ γὰρ γελοῖον ἔστιν ἀμάρτημά τι καὶ αἰσχος ἀνώδυνον καὶ οὐ φθαρτικόν, οὗτον εὐθὺς τὸ γελοῖον πρόσωπον αἰσχρόν τι καὶ διεστραμμένον ἄνευ ὀδύνης (Texto grego segundo a edição bilíngue de Eudoro de Souza, 1993).

⁵ οἱ μὲν οὖν τῷ γελοίῳ ὑπερβάλλοντες βωμολόχοι δοκοῦσιν εἶναι καὶ φορτικοί, γλιχόμενοι πάντως τοῦ γελοίου, καὶ μᾶλλον στοχαζόμενοι τοῦ γέλωτα ποιῆσαι ἢ τοῦ λέγειν εὐσχήμονα καὶ μὴ λυπεῖν τὸν σκωπτόμενον (...). O texto grego segue o disponibilizado pelo website *Perseus*, da edição de J. Bywater (1894). A tradução é de António de Castro Caeiro (2024).

urbana e cortês contraposta à βωμολογία (bομολοκhία)⁶, “bufonaria”, cujo propósito seria provocar gargalhadas, não importando de que maneira. O βωμολόγος (bομολόκhos) é censurado por se descuidar da linguagem que usa e da dor que possa infligir, o que aponta para uma extensiva preocupação de Aristóteles com a efetiva recepção das piadas e com o *éthos* de quem se propõe a fazê-las. Mais adiante, na mesma passagem, ele reconecta o assunto à reflexão inicial sobre o gênero cômico:

A forma de parodiar de quem é fino difere da do subserviente, tal como a forma de brincar do que tem educação difere da do que a não tem. Poderá ver-se isto na diferença que existe entre as comédias antigas e as modernas. O que era motivo de riso para os primeiros era a **obscenidade**, para os segundos é mais a insinuação. Esta diferença não é pequena por relação com a decência⁷.

Em contexto romano, Cícero retomará o tema da natureza do riso, buscando traçar, na voz do personagem Gaio Júlio César Estrabão Vopisco⁸, um guia para sua aplicação à práxis oratória (*De Or. 2.237-239*), a partir da constatação de que há certa dificuldade inerente ao manejo de um tal recurso:

Cumpre observar com extremo cuidado em que medida o risível deve ser empregado pelo orador (...). De fato, as pessoas não riem quando se ridiculariza uma **pervercidade enorme e atrelada a um crime ou uma enorme desgraça**, pois desejam que os criminosos sejam feridos com uma força maior do que a do risível, não desejando que se zombe dos desgraçados, a **não ser que acaso se vangloriem**. Deve-se respeitar sobretudo **a afeição das pessoas, a fim de que não se ataque imponderadamente os que são estimados**. 238. Em primeiro lugar, então, cumpre empregar esta moderação quando se faz uma brincadeira. Assim, é muito mais fácil **brincar com o que não é digno de muito ódio nem de grande misericórdia**. Por isso, toda a matéria do ridículo reside nos vícios que se encontram na vida dos **homens que não são estimados, nem desafortunados, nem apparentam serem merecedores de castigo em virtude de um crime**. (...) 239. Há também uma boa matéria para brincadeiras na **deformidade e nos**

⁶ As transliterações deste artigo seguem o sistema Benveniste e as abreviações de obras antigas remetem, por sua vez, à lista disponibilizada no *Oxford Classical Dictionary*.

⁷ παιδιᾶς μέρει καὶ ἀκούειν, καὶ ἡ τοῦ ἔλευθερίου παιδιὰ διαφέρει τῆς τοῦ ἀνδραποδώδους, καὶ πεπαιδευμένου καὶ ἀπαιδεύτου. ίδοι δ' ἂν τις καὶ ἐκ τῶν κωμῳδιῶν τῶν παλαιῶν καὶ τῶν καινῶν: τοῖς μὲν γάρ ἦν γελοῖον ἡ **αἰσχρολογία**, τοῖς δὲ μᾶλλον ἡ ὑπόνοια: διαφέρει δ' οὐ μικρὸν ταῦτα πρὸς εὐσχημοσύνην. O texto grego segue o disponibilizado pelo website *Perseus*, da edição de J. Bywater (1894). A tradução é de António de Castro Caeiro (2024), com pequenos ajustes.

⁸ Gaio Júlio César Estrabão Vopisco conduz todo o excuso sobre o riso em diálogo com Marco Antônio (avô do mais famoso Marco Antônio, o triúnviro e braço direito de Júlio César), Lúcio Licínio Crasso e Públcio Sulpício Rufo (em ordem de protagonismo). Vopisco foi um orador famoso (nascido por volta de 131) da geração anterior à de Cícero, cuja principal qualidade teria sido o exercício do humor refinado em seus discursos (cf. Cic. *De or. 2.98, 3.30; Brut. 177, 207; Tusc. 5.55; Off. 1.108, 133; SCATOLIN & MIOTTI, 2020, p. 328, 336).*

defeitos do corpo. Porém, investigamos o mesmo que é essencial investigar nas demais questões: **em que medida.** A esse respeito, preceitua-se não apenas que não se brinque de maneira insípida, mas também que, se surgir a oportunidade de um gracejo completamente absurdo⁹, cumpre que o orador evite um e outro, a fim de que a brincadeira não incorra em **bufonaria**¹⁰ ou farsa. (...)¹¹

A βωμολοχία (bομολοκhía) que Aristóteles condena equivaleria, então, à *scurrilitas* que Cícero igualmente desaconselha aos oradores em formação (GRANT, 1924, p. 26, 96). O rétor romano, como se viu, acrescenta múltiplas camadas ao debate proposto pelo filósofo grego: 1) a licença concedida pelo comportamento vanglorioso; 2) o cuidado em relação às pessoas que são queridas (não mais quanto a qualquer pessoa); 3) os tipos de homens cujos vícios podem ser livremente ridicularizados; 4) a licitude das brincadeiras quanto a deformidades e defeitos do corpo. Ao usar a máscara cômica como comparação, Aristóteles já a descreveu como “feia e disforme”, sendo importante, no entanto, que não expresse dor — ainda que não estejam perfeitamente evidentes as circunstâncias por meio das quais poderia ser causada. A esse respeito também comenta Adriano Scatolin (2020, p. 344):

É de reparar que, ao contrário do que esperaria o leitor moderno, a medida decorosa sugerida por Estrabão não consiste em evitar o uso de piadas sobre deformidades e defeitos físicos, mas em não se fazer gracejos insípidos ou absurdos. O exemplo por excelência desse tipo de humor na oratória ciceroniana encontra-

⁹ É curioso o fato de o próprio Cícero, mais adiante (*De or.* 2.274-276), reconhecer os “gracejos bastante absurdos” entre os gêneros do risível que podem servir ao orador. Quintiliano o segue (*Inst.* 6.3.26): “Quanto a nós, podemos revelar nossas fraquezas de modo risível, dizendo coisas um tanto absurdas, para retomar o termo de Cícero. Assim, as mesmas frases que são estúpidas se nos escapam quando estamos desprevenidos, são consideradas espirituosas [*uenusta*] se as proferimos quando estamos dissimulando.” Todas as traduções de Quintiliano são de nossa responsabilidade.

¹⁰ Quintiliano também adverte seu orador ideal sobre os riscos no uso do humor forense (*Inst.* 6.3.8).

¹¹ [239] *Quatenus autem sint ridicula tractanda oratori, perquam diligenter videndum est (...). Nam nec insignis improbitas et scelere iuncta nec rursus miseria insignis agitata ridetur: facinerosos maiore quadam vi quam ridiculi vulnerari volunt: miseros illudi nolunt, nisi se forte iactant; parcendum autem maxime est caritati hominum, ne temere in eos dicas, qui diliguntur.* [238] *Haec igitur adhibenda est primum in iocando moderatio. Itaque ea facilime luduntur, quae neque odio magno neque misericordia maxima digna sunt.* Quam ob rem materies omnis ridiculorum est in iis vitiis, quae sunt in vita hominum *neque carorum neque calamitosorum neque eorum, qui ob facinus ad supplicium rapiendi videntur;* (...) [239] *Est etiam deformitatis et corporis vitiorum satis bella materies ad iocandum; sed quaerimus idem, quod in ceteris rebus maxime quaerendum est, quatenus.* *In quo non modo illud praecipitur, ne quid insulse, sed etiam, si quid perridicule possis, vitandum est oratori utrumque, ne aut scurrilis iocus sit aut mimicus (...).* O texto latino do *de ridiculis* seguirá sempre a edição de Giusto Monaco (1974). Todas as traduções de Cícero são de Adriano Scatolin, 2020 (grifos serão sempre nossos).

se no *In Vatinium*, em que, ao interrogar Vatínia, que prestara testemunho no caso de Sétio, defendido pelo Arpíate em 56, Cícero zomba particularmente das escrúfulas que apresentava no pescoço. Como bem observa Corbeill, 1996 *passim*, o pressuposto compartilhado com o público é o de que a um defeito físico corresponde um defeito moral.

QUINTILIANO

Ainda em contexto romano, Quintiliano destaca-se no tratamento do tema (*Inst. 6.3*). Boa parte de seus comentadores quanto a essa matéria busca, principalmente, estabelecer em que nível Cícero o influenciou. Não é incomum que Quintiliano seja considerado um mero divulgador das ideias ciceronianas (p. ex., Armando Plebe, 1952, p. 78), mas, de início, vale ressaltar que sua contribuição vem à luz com uma clara abordagem pedagógica em torno de 96 EC, período imperial, por volta de 140 anos depois do texto de Cícero, publicado em 55 AEC, ainda durante a República. Cícero apresenta, em seu tratado sobre o riso, aproximadamente 67 causos humorísticos¹² (nem todos referentes a oradores e nem todos recomendáveis), enquanto Quintiliano apresenta 91 (incluindo os mal-sucedidos), quase todos inéditos – o que já figura, por si só, como uma contribuição expressiva para o espinhoso debate sobre a manipulação dos afetos com vistas à persuasão. De um total de 158 causos (mais ou menos, pois há duplicidades e desdobramentos) relatados por Cícero e Quintiliano, alguns podem parecer, à primeira vista, destoar das recomendações teóricas fixadas por ambos os rétores, com teor possivelmente ofensivo para os leitores do presente.

Convém, no entanto, antes de passar à análise, uma introdução a respeito dos tipos de humor que não cabem ao orador. Em sua *Descrição da Grécia* (10.24.1), Pausânias refere-se a duas inscrições “úteis à vida dos homens” (ώφελήματα ἀνθρώποις ἐς βίον) que teriam sido escritas pelos sete sábios gregos no templo de Apolo em Delfos: “conhece-te a ti mesmo” e “nada em excesso” (Γνῶθι σαντὸν καὶ Μηδὲν ἄγαν). Ambas as máximas representam o núcleo duro das recomendações de Cícero e Quintiliano sobre o humor: é preciso conhecer tanto a si mesmo como à sua audiência e é preciso observar a medida sobre todas as coisas.

Com a advertência de que “nem tudo que é engraçado é gracioso” (*De Or. 2.251, non esse omnia ridicula faceta*, carregando este último termo as noções de elegância e alegria), Cícero limita o tipo de humor usado em contexto forense e passa a apresentar, adiante, precisamente os quatro modos do risível que ultrapassariam o domínio adequado ao orador (antes sacrificar uma anedota

¹² Esses números são baseados em nossa própria contagem manual.

que sacrificar a dignidade, recomenda Quintiliano, *Inst. 6.3.30*): gestos afetados (*mimica actio*), imitação indecorosa (*illiberalis imitatio*, de que eventualmente o orador até pode fazer uso, mas rapidamente e com moderação), careta (*oris deprauatio*) e obscenidade (*obscenitas*). Curiosamente, principalmente considerando nossa sensibilidade moderna, não estão banidas as piadas que brincam com estupro, suicídio ou assassinato e que ridicularizam pessoas com deficiência ou, simplesmente, doentes. Nathan Kish (2021, p. 191) observa que

Embora Cícero tenha sido criticado por seus contemporâneos e por autores posteriores por ser inapropriadamente engraçado, no *De Oratore* ele abordou a importância do decoro e da contenção no humor oratório. No diálogo, a personagem Júlio César Estrabão adota um tipo de humor marcadamente agressivo que se coaduna bem com o clima político frequentemente turbulento e violento da República Tardia.¹³

Quintiliano (*Inst. 6.3.28-34*), a seu turno, num contexto político não menos turbulento sob o império de Tito Flávio Domiciano¹⁴ (81 a 96 EC), também lista cinco tipos de humor que, segundo seu julgamento, transcendiam os limites da atuação oratória. Eis o primeiro:

28. (...) Na verdade, em se tratando de uma disputa forense, eu preferiria ter o direito de servir-me de palavras brandas. Algumas vezes será permitido discursar de modo afrontoso e áspero contra um adversário, contanto que seja legítimo acusá-lo diretamente e pedir sua cabeça por motivos justos. Mas, ainda assim, nessa ocasião, **costuma parecer desumano escarnecer da sorte alheia**, ou porque esse alguém está livre de culpa ou, ainda, porque a ofensa pode recair sobre os mesmos que a lançaram¹⁵.

Não obstante, entre os exemplos de piadas bem-sucedidas elencadas por Cícero (*De or. 2.266*), na voz de Gaio Júlio César Estrabão Vopisco, estão as seguintes:

Também rimos muito dos retratos, que quase sempre são direcionados contra uma deformidade ou algum defeito corporal com uma semelhança a algo ainda mais

¹³ “Although Cicero was criticised by both his contemporaries and later authors for being inappropriately funny, in *De Oratore* he addressed the importance of *decorum* and restraint in oratorical humour at some length. In the dialogue the character Julius Caesar Strabo espouses a markedly aggressive brand of humour that accords well with the often turbulent and violent political climate of the Late Republic.”

¹⁴ Para mais informações, cf., p. ex., Miotti, 2010, p. 42-45.

¹⁵ 28. (...) *In hac quidem pugna forense malum mihi lenibus uti licere. Nonnumquam et contumeliose et aspere dicere in aduersarios permissum est, cum accusare etiam palam et caput alterius iuste petere concessum sit. Sed hic quoque tamen inhumana uideri solet fortunae insectatio, uel quod culpa caret uel quod redire etiam in ipsis qui obiecerunt potest.* Texto latino da *Institutio oratoria* será sempre o de Michael Winterbottom (1970).

torpe, como aquele meu contra Hélvio Mância: “Mostrarei agora como você é.” Quando ele respondeu: “Mostre, por favor”, eu apontei para um gaulês deformado que estava pintado no escudo címblico de Mário, perto das lojas novas, com a língua para fora, com as bochechas flácidas. Todos riram: nada era tão parecido com Mância! Tal como eu disse a Pinário, uma testemunha que torcia a boca enquanto falava: se quisesse falar alguma coisa, que primeiro quebrasse a noz em sua boca!¹⁶

Ambos exemplos remeteriam à prática oratória de Júlio César Estrabão (conhecido por seu refinamento discursivo), que nos dá a medida de quanto seria tolerável escarnecer da sorte alheia (o limite não é baixo). A frase dirigida a Tito Pinário, que era apenas uma testemunha no processo (não seu adversário), e que, aparentemente, padecia de uma limitação física involuntária, soaria, de fato, algo desumana para os ouvidos modernos (talvez até para os antigos?), mesmo que estivessem plenamente autorizadas as brincadeiras com deformidades e “defeitos do corpo”, como se vê também no seguinte caso:

Tal como esse Ápio, que se pretende mordaz – e ele é mesmo, embora por vezes caia nesse defeito bufonesco. Disse ele a Gaio Sétio, um caolho, meu amigo: “Vou jantar em sua casa, pois vejo que há lugar para um”. Isso é bufonesco por dois motivos: **porque o agrediu sem motivo e por ter falado, afinal de contas, algo que quadrava a todos os caolhos. As pessoas não riem tanto de tais coisas, por julgarem que foram planejadas.** A resposta de Sétio foi excelente e improvisada: “Lave as mãos e jante.”¹⁷

Novamente, o fato de a piada fundar-se numa grave deficiência física não está entre as razões apontadas para a conduta bufonesca (*scurrile*). Para ele, a piada é bufonesca (portanto inadequada ao orador) porque é feita gratuitamente, porque aplica-se a muitos outros e porque pareceu premeditada — o que, por sinal, não desqualifica Ápio como um sujeito mordaz. Quintílio, aliás, retomará e insistirá neste conselho (*Inst. 6.3.33*): “Convém evitar também que

¹⁶ 266. *Valde autem ridentur etiam imagines, quae fere in deformitatem aut in aliquod vitium corporis ducuntur cum similitudine turpioris, ut meum illud in Helvium Manciam: 'Iam ostendam cuius modi sis'; cum ille: 'Ostende, quae so', demonstravi dígito pictum Gallum in Mariano scuto Cimbrico sub Novis distortum, erecta lingua, buccis fluentibus; risus est commotus: nihil tam Manciae simile visum est; ut cum Tito Pinario mentum in dicendo intorquenti: 'Tum ut diceret, si quid vellet, si nucem fregisset'.* Quintílio conta a mesma piada em *Inst. 6.3.38*, com ligeiras alterações.

¹⁷ 246. *Ut iste, qui se vult dicacem et me hercule est, Appius, sed non numquam in hoc vitium currile delabitur, 'Cenabo, inquit, apud te', huic lusco familiari meo, C. Sextio; 'uni enim locum esse video'. Est hoc currile, et quod sine causa lacescivit et tamen id dixit, quod in omnes luscos conveniret. Ea, quia meditata putantur esse, minus ridentur. Illud egregium Sextii et ex tempore: 'Manus lava, inquit, et cena'.*

o que dizemos pareça petulante, insolente, deslocado no tempo e no espaço, premeditado ou, ainda, trazido pronto de casa (...)¹⁸.

Ser muito baixo (*De or.* 2.245), alto (*Inst.* 6.3.67; *De or.* 2.267), feio (*Inst.* 6.3.32), velho (*Inst.* 6.3.76): essas são propriedades físicas que, ao serem endereçadas num gracejo, supostamente não gerariam grande dor ou misericórdia. O que se narra a seguir, no entanto, parece soar como “bullying” para uma audiência moderna:

262. (...) Inverte-se o sentido das palavras como, por exemplo, quando Crasso defendeu Aculeão perante o juiz Marco Peperna, enquanto Lúcio Élio Lâmia, **um homem deformado**, como sabem, defendia Gratidiano contra Aculeão. **Como ele o interrompia de maneira desagradável**, Crasso disse: “Ouçamos esse rapaz bonitinho.” Quando riram dele, Lâmia retrucou: “Não pude moldar minha beleza, mas pude moldar minha inteligência.” Então Crasso disse: “Ouçamos esse orador expressivo.” Riram muito mais ainda dele¹⁹. (...)

Aqui, fica evidente que a piada surge como reação às interrupções de Lâmia, projetando certo grau de agressão que poderia justificar, para aquela audiência, a extração do decoro. O ataque de Crasso zomba da deformidade física de seu adversário, mas parece resultar bem-sucedido sobretudo em razão da tréplica, que retoma a ironia inicial para responder com prontidão à tentativa de defesa baseada no argumento *ad misericordiam*. Passemos ao segundo conselho de Quintiliano quanto às piadas que devem ser evitadas:

29. Ao orador não convém em hipótese alguma caretas e gestos afetados, os quais nos mímicos costumam fazer rir. Assim, a dicacidade boba e cênica é completamente estranha à figura do orador²⁰. (...)

No *Oxford Latin Dictionary*, a entrada *dicax* aponta para “aquele que tem sempre uma resposta afiada, inclinado a fazer observações espirituosas à custa dos outros”²¹ (GLARE, 1968, p. 536). O riso que se extrai de nós mesmos, típico de atores e bufões, também é desencorajado por Cícero, como vimos há pouco, sob a justificativa de que seria impróprio para o orador

¹⁸ 33. *Vitandum etiam ne petulans, ne superbum, ne loco, ne tempore alienum, ne praeparatum et domo allatum uideatur quod dicimus* (...).

¹⁹ 262. (...) *Invertuntur autem verba, ut Crassus apud M. Perpernam iudicem pro Aculeone cum diceret, aderat contra Aculeonem Gratidiano L. Aelius Lamia, deformis, ut nostis; qui cum interpellaret odiose, 'Audiamus, inquit, pulchellum puerum', Crassus. Cum eset adrisum, 'Non potui mihi, inquit Lamia, formam ipse fingere; ingenium potui'. Tum hic, 'Audiamus, inquit, disertum'. Multo etiam arrisum est vehementius.*

²⁰ 29. *Oratori minime conuenit distortus uultus gestusque, quae in mimis rideri solent. Dicacitas etiam scurrilis et scaenica huic personae alienissima est.* (...)

²¹ “having a ready tongue, given to making clever remarks at another’s expense”.

(*De Or.* 2.82)²². É evidente que, ao construir seu *êthos* discursivamente, o orador expõe-se ao risco de ser responsabilizado por declarações ridículas, diferentemente do ator. Isso evidencia o quão arriscado é recorrer ao humor, pois a piada é frequentemente vista como um reflexo do caráter de quem a faz, e um comentário considerado de mau gosto pode prejudicar seriamente uma trajetória pública. Em §239, César Estrabão insistirá: “duas coisas devem ser evitadas pelo orador, a saber: que o gracejo seja como o de um bufão ou de um mímico” (*uitandum est oratori utrumque, ne aut scurrilis iocus sit aut mimicus*). É curioso notar, no entanto, o exemplo elencado logo adiante (*De or.* 2.242):

242. Reside igualmente na matéria o risível que se costuma obter de uma **imitação totalmente distorcida**, como fez o mesmo Crasso: “Por sua nobreza, por sua familiar!”. Que outro motivo havia para que a assembleia risse, senão aquela imitação da expressão e da voz? Porém, quando disse “por suas estátuas!” e, estendendo o braço, **acrescentou um pequeno gesto**, rimos muitíssimo²³.

Edwin Rabbie (2007, p. 230) comenta sobre a fronteira entre a *actio actoris* e a *actio oratoris*: “Em primeiro lugar, os atores eram profissionais que tinham de trabalhar para viver (ao contrário dos aristocratas); e, em segundo lugar, suas performances geralmente envolviam gestos, ações e vozes que contrariavam as normas da *dignitas* e da virilidade senatorial”²⁴. Isso não impede, contudo, que Quintiliano reconheça o talento de grandes atores (como Demétrio e Estrátocles, *Inst.* 11.3.178-180) e suas contribuições para a ciência de uma boa performance pública.

No caso reportado no §242, vale lembrar que, embora o gesto acrescentado tenha sido algo discreto, a imitação “totalmente distorcida”, tão digna de nota, foi feita por um dos maiores oradores da época de Cícero²⁵: Lúcio Licínio Crasso. O exemplo nos faz acreditar que o limite do tolerável, também quanto aos gestos, caretas e jogos de cena, talvez não fosse assim tão

²² Para exemplos de piadas disruptivas voltadas contra o próprio emissor, neste caso referentes especificamente à cultura judaica, cf. BAUM, 2021.

²³ 242. *In re est item ridiculum, quod ex quadam depravata imitatione sumi solet, ut idem Crassus: 'Per tuam nobilitatem, per vestram familial!'. Quid aliud fuit, in quo contio rideret, nisi illa vultus et vocis imitatio? 'Per tuas statuas!' vero cum dixit et, extento bracchio, **paulum etiam de gestu addidit**, vehementius risimus.*

²⁴ “In the first place, actors were professionals who had to work for a living (unlike aristocrats); and second, their performances often involved gestures, actions, and voices that contravened the norms of senatorial *dignitas* and manliness”.

²⁵ Adriano Scatolin (2009, p. 16) nos lembra de que “Antônio e Crasso tinham, tal como Cícero, ampla experiência nas causas e eram, segundo o autor quer nos fazer crer, os dois maiores oradores de sua época”.

restrito²⁶. Ao mesmo parágrafo 29, Quintiliano acrescenta ainda uma terceira recomendação:

29. (...) A obscenidade deve estar longe, de fato, não somente das palavras, mas principalmente de seu significado. Mesmo se surgir a chance de replicá-la ao adversário, este não deve ser criticado de modo jocoso²⁷.

Neste ponto, temos um exemplo de Cícero e outro do próprio Quintiliano. Diz Estrabão (*De or. 2.265*): “Pode-se obter alguma graça também da história²⁸, como quando Sexto Tício afirmou ser uma Cassandra²⁹. Antônio lhe respondeu: ‘sou capaz de citar seus vários Ajax Oileus’”.³⁰ Como se sabe, na peça *As Troianas* (v. 70), Eurípides narra que a princesa Cassandra foi violada por Ajax Oileu no templo da deusa Atena, após a tomada de Troia. Logo, Antônio — mais uma das grandes referências oratórias de Cícero — pretendia ridicularizar Tício por uma suposta posição passiva nas relações homossexuais. Quintiliano, por sua vez, mais adiante em sua própria exposição, dá-nos o seguinte exemplo de Cícero, seu principal modelo: “75. Para rebaixar há dois métodos: ou se coloca limite a uma presunção excessiva, (...) ou se contesta uma acusação, como fez Cícero quando disse àqueles que o incriminavam por ter se casado com Publília (uma virgem) sendo já um sexagenário: ‘Amanhã cedo ela será uma mulher’”³¹.

O §265 do *De Oratore* demonstra como Antônio (um dos mais importantes personagens do diálogo) tenta ridicularizar Sexto Tício por um dispositivo hoje reconhecidamente homofóbico, enquanto ainda brinca com o crime de estupro. Trata-se de um tipo de piada que, feita publicamente em nossos dias, provavelmente suscitaria intensas reações, dado que o *modus operandi*, nesses casos, é o de expor a vítima ao “ridículo” que a subjugação ao(s) violador(es) enseja, implicando, em última instância, certo tipo de

²⁶ No livro XI da *Institutio oratoria*, como se sabe, Quintiliano apresenta um detalhado manual sobre a *actio* em si, abordando desde as feições do rosto até os ajustes da toga como convém a um orador. Para maiores detalhes, cf., por exemplo, Hall, 2004; Miotti, 2016 e Pontes, 2017.

²⁷ [29] (...) *obscenitas uero non a uerbis tantum abesse debet, sed etiam a significatione. Nam si quando obici potest, non in ioco exprobranda est.*

²⁸ Tanto Cícero como Quintiliano falam em “história” ou “acontecimentos históricos” ao incluir um exemplo mitológico em seus tratados (*Inst. 6.3.98*).

²⁹ Sexto Tício refere-se, evidentemente, à princesa de Troia, filha de Príamo e Hécuba, cujas previsões sobre o futuro (incluído o destino trágico da sua cidade natal) eram desacreditadas por todos devido ao castigo que Apolo lhe impingiu por rejeitá-lo.

³⁰ 265. *Trahitur etiam aliquid ex historia, ut, cum Sex. Titius se Cassandra esse diceret, Multos, inquit Antonius, possum tuos Aiaces Oileos nominare.*

³¹ O casamento de Cícero com essa Publília durou apenas sete meses e ela tinha apenas 15 anos quando foi dada em matrimônio.

merecimento atrelado à punição. No caso do §75 da *Institutio*, sabendo que Publília tinha apenas 15 anos de idade³² quando foi dada a Cícero, a brincadeira traz nuance pedófila profundamente incômoda³³.

PASSADO E PRESENTE NA PRÁXIS DO RISO

Modernamente, não é difícil mobilizar exemplos: “Eu tenho aquilo roxo!”, disse Fernando Collor de Mello, então Presidente da República, referindo-se à própria genitália como símbolo de coragem quando discursava no Ceará em 1991. A frase, tratada com certa irreverência pela cobertura midiática à época, chega a soar inócuas face às que nos acostumamos a ouvir de novos fenômenos político-midiáticos da extrema direita, como Donald Trump³⁴, Bolsonaro³⁵, Nikolas Ferreira *et cetera*. Assim, a recomendação de que “a obscenidade deve estar longe, de fato, não somente das palavras, mas principalmente de seu significado” não parece ter tido muita aderência nem no contexto da própria Antiguidade. Avancemos, sem mais demora, ao quarto ponto:

31. Ninguém há de suportar um promotor divertido em uma causa hedionda, tampouco um defensor engracado em uma causa que desperte misericórdia. Há ainda certos juízes demasiadamente austeros para tolerarem o riso de bom grado³⁶.

Aqui, como na maioria de suas recomendações, Quintiliano parece preocupado exclusivamente com a performance forense. Permanece, no entanto, certa imprecisão a respeito do que se poderia considerar uma causa hedionda ou que desperte misericórdia. Cícero (*De or.* 2.278) e o próprio Quintiliano (*Inst.* 6.3.38), mais adiante, contarão basicamente a mesma piada no conjunto de seus exemplários³⁷:

Também são espirituosos os gracejos que apresentam uma suspeita velada de risível. A esse gênero pertence aquele do siciliano... quando um amigo se queixava

³² No Brasil, atualmente, a idade mínima para se casar é de 16 anos, mas é necessário ter a autorização dos pais ou responsáveis legais.

³³ Tal como a expressão de Jair Bolsonaro, em outubro de 2022, sobre as meninas venezuelanas que encontrou no Distrito Federal (“pintou um clima”): <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/pintou-um-clima-fala-de-bolsonaro-sobre-meninas-venezuelanas-repercute-e-gera-criticas-nas-redes.ghtml> (Acesso em: 25/02/2025)

³⁴ <https://www.bbc.com/news/election-us-2016-37595321> (Acesso em: 25/02/2025)

³⁵ <https://noticias.uol.com.br/videos/2021/11/12/bolsonaro-constrange-michelle-ao-dizer-que-lhe-deu-bom-dia-especial.htm> (Acesso em: 25/02/2025)

³⁶ [31] *Nec accusatorem autem atrocí in causa nec patronum in miserabilí iocantem feret quisquam. Sunt etiam iudices quidam tristiores quam ut risum libenter patientur.*

³⁷ Aqui, por economia, transcrevemos apenas a de Cícero.

a ele, dizendo que sua esposa se enforcara numa figueira, ele respondeu: “Você poderia me passar umas mudas dessa árvore, para eu plantar?”³⁸.

O suicídio da esposa aparece como desejável a partir do *script* do casamento, entendido como um malefício a que os homens estão sujeitos³⁹. Embora o viúvo se queixasse, o siciliano não o vê como um desafortunado, digno de misericórdia: pelo contrário, inveja a sua sorte. A morte da esposa se apresenta como uma vantagem inesperada, tal como ainda se pode ouvir modernamente⁴⁰. Na mesma temática, eis o que nos conta Quintiliano:

Por vezes, aqueles que se encontram em situação embaraçosa esquivam-se do constrangimento dizendo algo de ridículo. Assim fez um sujeito que, a uma testemunha que acusava o réu de tê-la ferido, perguntava se havia cicatriz. Quando finalmente essa testemunha mostrou a enorme cicatriz na coxa, ele disse: “Era preciso atingi-lo mais ao lado”⁴¹.

A piada sugere que, se a testemunha tivesse sido ferida na região dos quadris, não estaria mais viva. É um tipo de resposta que, dita assim na presença da pessoa atingida (que ficou com uma “enorme cicatriz” como sequela), traduz-se em desprezo pela vida humana, extrapolando completamente a esfera da dignidade. Não são incomuns em Cícero e Quintiliano as piadas que envolvem algum tipo de desdém pela morte (cf. *De or.* 2.283; *Inst.* 6.3.49; 51; 68; 84), como esta: “(...) Do mesmo gênero, ainda que não se pareça em nada com os ditos anteriores, é o que disse Marco Vestino quando foi contado a ele que... [um certo sujeito] {tinha sido assassinado}: “Algum dia ele tinha que parar de feder!”⁴² (*Inst.* 6.3.64). Segundo a edição italiana de Beta e Amadio (1997), Marco Vestino pode ser identificado como Marco Vestino Ático, que foi cônsul em 65 d.C. e teria sido obrigado por Nero a suicidar-se. O detalhe da perseguição política adiciona ao caso uma camada ainda mais incômoda.

³⁸ *Salsa sunt etiam, quae habent suspicionem ridiculi absconditam, quo in genere est Siculi illud, cui, cum familiaris quidam quereretur quod diceret uxorem suam suspendisse se de ficu, Amabo te, inquit, da mibi ex ista arbore quos seram surculos’.*

³⁹ Para mais detalhes, cf. MIOTTI, 2010, p. 125-126.

⁴⁰ Cf. <https://www.tiktok.com/@cortesdafirmavideo/7307716951407676677> (Acesso em: 20/02/2025), na piada do comediante Fábio Rabin, a morte da esposa figura como um alívio diante do cenário em que ela não mais pudesse trabalhar ou engravidar, tendo o marido de se ocupar de sua saúde após um acidente. Vale notar que, entre 25 comentários (todos de usuários masculinos), apenas 4 questionam a graça da piada.

⁴¹ 100. *Deprensi interim pudorem suum ridiculo aliquo explicant, ut qui testem dicentem se a reo uulneratum interrogauerat an cicatricem haberet, cum ille ingentem in femine ostendisset, 'latus', inquit, 'oportuit'.*

⁴² 64. (...) *Et hoc ex eodem loco est, sed nulli priorum simile, quod dixit M. Vestinus cum ei nuntiatum esset aliquando desinet putere.*

Trata-se de um dispositivo que, hoje, dificilmente seria tolerado nos nossos tribunais. Passemos, por fim, ao quinto e último item:

5) 34. Este é um conselho que serve não só para o orador, mas para o homem: ao atacar alguém a quem seja perigoso ofender, faça-o de modo que não resulte em grandes inimizades ou reparações humilhantes. (...) Diz-se desastrosa também a carapuça que pode servir a um grande número de pessoas, ou seja, atacar nações inteiras, classes sociais, as condições ou as crenças de muitos⁴³.

Estrabão (*De or.* 2.265), no entanto, não perde a oportunidade de registrar: “Tal como aquele gracejo de Marco Cícero, o Velho, pai de nosso excelente amigo: ‘Nossos conterrâneos são semelhantes aos escravos sírios: quanto mais grego sabem, mais imprestáveis são.’”⁴⁴ Uma piada como esta, baseada na xenofobia, provavelmente não seria bem admitida como “gracejo” modernamente, até para um bufão. Em 2011, Danilo Gentili envolveu-se em uma polêmica no antigo *Twitter*, após comentar o cancelamento da Estação Angélica do Metrô em Higienópolis, bairro da região central da capital que possui alta concentração de judeus de várias nacionalidades. “Entendo os velhos de Higienópolis temerem o metrô. A última vez que eles chegaram perto de um vagão foram parar em Auschwitz”, escreveu Gentili em seu perfil na rede social. Rapidamente, a frase foi “retuitada” por centenas de internautas – e desencadeou críticas com a mesma velocidade. A frase, sem dúvida, rendeu-lhe fama e relevo na mídia – algo que, há alguns anos, só faria sentido para um comediante, que poderia desfrutar da sua projeção como um tipo insubordinado ao pensamento “politicamente correto”⁴⁵. Mais recentemente, no entanto, ficou evidente o interesse em praticamente qualquer tipo de publicidade que gere engajamento, mesmo para um político, advogado, professor ou orador.

Ainda assim, por conta da péssima recepção de sua piada, Gentili a apagou poucas horas depois de tê-la feito, não sem antes tentar justificá-la com uma frase do escritor Mark Twain (*Following the Equator*, cap. X): “A fonte secreta do humor não é a alegria, mas a mágoa, a aflição e o sofrimento. Não

⁴³ 34. *Illud non ad oratoris consilium, sed ad hominis pertinet: lacesat hoc modo quem laedere sit periculosum, ne aut inimicitiae graues insequantur aut turpis satisfactio.* (...) *Male etiam dicitur quod in pluris conuenit, si aut nationes totae incessantur aut ordines aut condicio aut studia multorum.*

⁴⁴ 265. (...) *ut illud M. Cicero senex, huius viri optimi, nostri familiaris, pater, 'nostros homines similis esse Syrorum venalium: ut quisque optime Graece sciret, ita esse nequissimum'.*

⁴⁵ Alan Lôbo de Souza (2017), em sua tese de doutorado, explora em profundidade esse aspecto ao analisar o caso da piada de Rafinha Bastos sobre Wanessa Camargo no dia 19 de setembro de 2011, durante o programa “Custe o que Custar” (CQC) da Rede Bandeirantes de Televisão. No início deste milênio, as primeiras reflexões sobre o uso de linguagem ofensiva a minorias subalternizadas ficou conhecido como “movimento pecista” (ROSAS, 2005, p. 76-77).

há humor no céu”⁴⁶. Passadas algumas horas, porém, ele decidiu se desculpar formalmente: “Minha intenção como comediante nunca foi trazer nenhum outro sentimento ao público que não fosse alegria. Peço perdão se falhei nesse meu objetivo com a piada que fiz essa tarde. Me coloco à disposição da comunidade Judaica para me redimir”. Exemplo das consequências nefastas que uma comicidade mal recebida pode causar já encontramos na antiga Grécia, como nos lembra Fernando Santoro (2005, p. 608): “Sócrates é um bufão que escarnece dos seus acusadores e suas acusações, mas pelo tom irônico do seu discurso, escarnece muitas vezes também de todo o tribunal e de sua sentença.”

4. CONCLUSÃO

A abordagem didática de Quintiliano, ao elaborar uma ampla casuística, destacou-se como um de seus principais legados para as gerações futuras, especialmente porque sua análise sobre o riso insere-se em um debate profundamente pertinente e sensível que perdura até os dias atuais: os limites do humor nas diversas situações sociais. Em livro dedicado aos mecanismos de tradução de humor (2002), e que se interessa, portanto, pelo impacto de questões transculturais, Marta Rosas (2002, p. 83) afirma:

E, de fato, é difícil aceitar que exista chiste que não tenha uma finalidade transgressora, pelo menos do ponto de vista linguístico: perturbar a comunicação usual, a fim de permitir que outro modo de comunicação (o modo não-confiável) se instaure. Entretanto, tampouco se pode negar que muitas vezes o caráter do humor é mesmo reacionário, prestando-se ao reforço de preconceitos de toda sorte (inclusive linguísticos, diga-se de passagem).

Embora haja clareza quanto ao tipo de humor teoricamente apropriado para um orador, tanto Cícero como Quintiliano não deixam de elencar exemplos que, sob certo aspecto, desafiam a coerência de seus próprios conselhos. Uma possível explicação para isso é dada por Sírio Possenti (1998, p. 26): “(...) as piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coleta de dados, como entrevistas.” Admite-se a possibilidade de que uma aparente discrepância entre o discurso teórico sobre o riso e a casuística que o acompanha poderia, eventualmente, ser atribuída

⁴⁶ Everything human is pathetic. The secret source of Humor itself is not joy but sorrow. There is no humor in heaven. – Pudd’nhead Wilson’s New Calendar in *Following the Equator* (1897). Disponível em: <https://twain.lib.virginia.edu/wilson/pwequat.html>. Acesso em: 31/01/2025.

ao simples fato de que “valores mudam” e não aceitamos hoje o que pareceria absolutamente rotineiro para um cidadão romano. Ou seja: piadas que seriam perfeitamente eficientes no contexto da Roma antiga, não despertando, de fato, ódio ou misericórdia nos ouvintes, dificilmente seriam recebidas hoje da mesma maneira, especialmente aquelas particularmente discriminatórias ou voltadas a minorias subalternizadas. O humor, assim como qualquer outro tipo de discurso, tem um efeito prático. Ele reforça a ideia de que determinados grupos ou indivíduos são alvos legítimos, contribui para sua desvalorização e os condiciona a uma posição inferior. Dessa maneira, estabelece-se quem deve ser visto como alvo recorrente, quem pode ser tratado com desrespeito e quem será submetido ao riso alheio. Em 1998 (p. 25-26), Possenti observou que:

“Uma análise sumária de um livro de piadas mostrará que elas versam sobre: **sexo, política, racismo (e variantes que cumprem um papel semelhante, como etnia e regionalismo), canibalismo, instituições em geral (igreja, escola, casamento, maternidade, as próprias línguas), loucura, morte, desgraças, sofrimento, defeitos físicos** (para o humor, são defeitos inclusive a velhice, a calvície, a obesidade, órgãos genitais pequenos ou grandes — órgãos pequenos são considerados defeitos nos machos, enquanto que órgãos grandes são vistos como defeitos nas fêmeas) etc.”

Atualmente, não nos parece haver ambiente para piadas fundadas em pressupostos racistas, ou que aludam a crimes hediondos como pedofilia ou estupro, por exemplo, especialmente numa situação pública. Não obstante, é curioso observar que os temas listados por Sírio Possenti são praticamente os mesmos abordados por Cícero e Quintiliano, ainda considerando um contexto tão cerimonioso como o forense. No uso consciente e acautelado do humor, tanto na Antiguidade como nos nossos dias, não há dúvidas de que ri melhor quem ri por último.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. António de Castro Caeiro. 2. ed. [3. Reimpr.]. São Paulo: Forense (Coleção Fora de série), 2024.
- ARISTOTLE. *Ethica Nicomachea*. Ed. J. Bywater. Oxford: Clarendon Press, 1894.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- BAUM, Devorah. *A piada judaica*. Tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: Âyiné, 2021.
- CICERO, Marcus Tullius. M. *Tulli Ciceronis Rhetorica*. A. S. Wilkins, Typographeo Clarendoniano, 1902. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0120> Acesso em: 30/01/2025.
- CICERONE. *L'excursus de ridiculis (de or. II 216-290)*. A cura di Giusto Monaco. 3. ed. Palermo: Palumbo, 1974.
- CORBEILL, Anthony. *Controlling laughter: political humor in the late Roman Republic*. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- GLARE, Peter Geoffrey William (Ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press/Clarendon Press, 1968-1982.

- GRANT, Mary Amelia. *The ancient rhetorical theories of the laughable: the Greek rhetoricians and Cicero*. Madison: University of Wisconsin, 1924.
- HALL, Jon. Cicero and Quintilian on the oratorical use of hand gestures. *The Classical Quarterly*, 54, p. 143-160, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1093/cq/54.1.143>
- HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (Ed.). *The Oxford classical dictionary*. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- KISH, Nathan. Comic Invective, *Decorum* and *Ars* in Cicero's *De Oratore*. In: PAPAIOANNOU, Sophia and SERAFIM, Andreas (Ed.). *Comic invective in ancient Greek and Roman oratory*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021, p. 191-210. <https://doi.org/10.1515/9783110735536-010>
- LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A Latin dictionary*. Oxford: Clarendon, 1945.
- LOPORCARO, Laura. Quintilian on Laughter (Inst. 6.3). *Old World: Journal of Ancient Africa and Eurasia*, v. 2, n. 1, p. 1-29, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/org/science/article/pii/S2667075522000057>. Acesso em: 27/02/2025. <https://doi.org/10.1163/26670755-01010010>
- MARQUES JUNIOR, Ivan Neves. *O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de De Oratore 216-291 (De ridiculis) e da Institutio Oratoria, livro VI, 3 (De risu)*. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas – Universidade de São Paulo (USP), 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-13102008-154439/>
- MIOTTI, Charlene Martins. *Ridentem dicere uerum: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- MIOTTI, Charlene Martins. Action! Quintilian's orator between stage and pulpit. *Rétor – Revista de la Asociación Argentina de Retórica* (AAR), v. 6, n. 2, p. 180-197, 2016. Disponível em: <https://aaretorica.org/revista/index.php/retor/article/view/91>
- PAUSANIAS. *Pausanias' Description of Greece*. Translated by Arthur Richard Shilleto. London: George Bell and Sons, Bohn's Classical Library, v. 2, 1886.
- PLEBE, Armando. *La teoria del comico da Aristotele a Plutarco*. Torino: Università di Torino, Facoltà di Lettere e Filosofia, v. 4, fasc.1, 1952.
- PONTES, Jefferson da Silva. *Talis actor, qualis orator: encenando o discurso oratório*. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4079?locale=pt_BR
- POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.
- QUINTILIAN. *Institutio oratoria*. Ed. Michael Winterbottom. Oxford: Oxford University Press, 1970. 2v.
- QUINTILIANO. *Istituzione oratoria*. Ed. Simone Beta & Elena D'Incerti Amadio. Milão: Mondadori, 1998.
- RABBIE, Edwin. Wit and humor in Roman rhetoric. In: DOMINIK, William & HALL, Jon (Ed.). *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, p. 207-217.
- ROSAS, Marta. *Tradução de humor: transcrevendo piadas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- SANTORO, Fernando José de. Risos no tribunal: as referências de Sócrates à comédia e a Aristófanes, na *Apologia*. In: LESSA, Fábio de Souza; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha (Org.). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 606-611.
- SCATOLIN, Adriano; MIOTTI, Charlene. Cicero, *Do Orador* 2.16-290. *Classica*, v. 33, n. 1, p. 327-365, 2020. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/846/805>
- SCATOLIN, Adriano. A invenção no *Do orador* de Cícero: um estudo à luz de *Ad Familiares* I, 9, 23. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUZA, Alan Lôbo de. *Limites do humor: o funcionamento discursivo da polêmica*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Acesso em: 25/02/2025. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/987895>.

WAISANEN, Don. A funny thing happened on the way to *decorum*: Quintilian's reflections on rhetorical humor. *Advances in the History of Rhetoric*, v. 18, n. 1, p. 29-52, 2015. <https://doi.org/10.1080/15362426.2014.974767>

Recebido: 27/2/2025

Aceito: 28/3/2025

Publicado: 2/4/2025

Rev. est. class., Campinas, SP, v.25, p. 1-17 e025004, 2025